

Professores conectados

Suzana Gutierrez [1]

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. [2]

Respondendo ao convite para uma palestra sobre a formação e o trabalho do professor e as tecnologias da informação e da comunicação (TIC), inicialmente pensei fazer uma breve retrospectiva histórica da formação (ou da não formação) do professor e trazer ao campo de diálogo o advento das tecnologias informatizadas e suas influências na formação e no trabalho do professor.

Todavia, decidi por convidar os leitores à reflexão sobre alguns pontos específicos deste contexto, trazendo questões que possam motivar o nosso debate e dando espaço para emergência dos temas que mais desafiem a nossa prática social de educadores.

Vivemos num mundo complexo, no qual os mercados e as catástrofes não reconhecem fronteiras, um mundo que nos avisa de que, em cada passo dado, relações se modificam e equilíbrios se alteram.

Nas últimas décadas, mais precisamente após os anos 70, o mundo passou por transformações nas quais a tecnologia e, em especial as tecnologias da informação e da comunicação, deram suporte ao processo acelerado de globalização capitalista e à reorganização do capital, por meio da divisão internacional do trabalho.

Mudanças significativas na forma e no conteúdo do trabalho fazem com que novas habilidades e conhecimentos sejam exigidos dos trabalhadores e determinam

novas formas de organizar estes conhecimentos e habilidades. A formação exigida é a que se adapta às exigências da produção que, por sua vez, cada vez mais se organiza de forma a afastar o trabalhador do conhecimento e domínio do processo de produção.

Neste contexto, a educação passa a operar subordinada aos interesses dos mercados, em formações precárias para efêmeros postos de trabalho, em cursos de mera certificação, com sérias implicações na educação e, especificamente, na formação e no trabalho dos professores.

Estes, açoitados por um processo de progressiva intensificação no ritmo e na quantidade de trabalho, são convocados à:

- conviver com as assimetrias entre o desenvolvimento de novas formas de aprender e de lidar com a informação e o conhecimento e a inércia das estruturas educacionais;
- lidar com as contradições entre as transformações que propõem abordagens inter e transdisciplinares e os currículos disciplinares;
- contribuir na formação dos alunos com valores solidários, éticos e de compreensão crítica da realidade e, ao mesmo tempo, armá-los para enfrentar o mercado competitivo;
- dar conta de sua própria formação numa sociedade que lhe exige cada vez mais capacitação sem lhe proporcionar os meios;
- ser um desbravador de caminhos desconhecidos (as TIC?), avaliador competente das possibilidades e alternativas que estes possam trazer;
- assumir decisões diante de um futuro que se funda no presente e não mais no passado.

Ser um educador é fazer parte de uma profissão que congrega um conjunto específico de conhecimentos e práticas, que são históricos e, portanto, não são imutáveis e nem fixos, são movimento de contínua construção. Porém, estes conhecimentos e práticas também não são descartáveis e superficiais, pelo contrário, formam a base sobre a qual o novo se desenvolve.

É neste contexto que as TIC adentram a cena e são parte tanto da intensificação e alteração nos processos de trabalho do professor, quanto mobilizadoras de novas formas de aprender, de conviver e de construir conhecimento.

No Brasil, a partir de 1981 com o I Seminário Nacional de Informática na Educação, aconteceram diversas ações e políticas de formação de professores para o uso das TIC. Como em todos os programas e projetos, que são de governo e não de Estado, a intermitência dos recursos compromete ou mesmo interrompe os processos. Assim, as metas propostas dificilmente se cumprem ou existe a quebra num determinado ponto das ações que impedem que os objetivos principais sejam alcançados.

Contudo, apesar da lentidão e da inoperância das políticas públicas de formação de professores para o uso das TIC, por seus próprios ou por outros meios, os professores e professoras brasileiros estão cada vez mais presentes na rede.

Com o estímulo das formações realizadas e pela diminuição nos custos de aquisição dos computadores e, também, com a proliferação de cursos de graduação à distância realizados majoritariamente com o uso da internet, o número de professores que acessam e habitam a rede vem aumentando.

Estes professores, a partir de seus contatos na escola e das relações travadas nos cursos e formações on-line, interagem em listas de discussão, em ambientes de aprendizagem e, aos poucos, começam a integrar a rede de uma forma mais abrangente, com seus sítios e blogs pessoais.

Nestes ambientes, o alcance das relações se expande e surgem projetos unindo professores e alunos de escolas diferentes, de diversos lugares do Brasil e, até, de diversos países. A riqueza de alguns destes trabalhos, além de conquistar prêmios para seus idealizadores e desenvolvedores, é fator de motivação para os colegas e faz com que as escolas comecem a prestar a atenção nesta parte da educação que foge de suas salas e prédios.

Aparece a contradição entre a admiração pela possibilidade de destaque da escola e o medo de perder o controle sobre os processos educativos. Onde o medo

prevalece, estas ações dos professores e professoras são cerceadas, principalmente onde este temor se soma à insegurança de colegas que se sentem ameaçados com formas de trabalhar que eles não dominam.

As tecnologias atravessam as paredes da sala de aula e balançam a estrutura da escola; professores e professoras não sabem bem como lidar com isso e, na maioria dos casos, não têm condições de trabalho e vida que possam dar suporte a este desafio que veio aumentar às suas já imensas atribuições. Por isso, entre outras coisas, um grande número de professores não consegue desenvolver uma base de conhecimentos e vivências para avaliar com consistência e coerência e se posicionar em relação ao uso ou não das TIC no contexto educacional.

Em muitos casos, as TIC chegam à escola, não como fruto da demanda dos projetos de professores e alunos e, sim, como uma *inovação* trazida pelos *treinamentos* que acompanham uma opção tecnológica feita fora da escola. Os resultados disso são os laboratórios fechados, tornados obsoletos antes de serem utilizados, equipamentos mal utilizados, desviados da função educacional, privatização do acesso, prevalência de atividades e usos puramente instrumentais, computadores transformados em máquinas de escrever ou de entretenimento.

Assim, além dos professores engajados nos poucos projetos que provém do estudo cuidadoso, das práticas que surgem do trabalho com os alunos, encontramos majoritariamente aqueles professores que seguem de forma acrítica as propostas determinadas fora da escola ou da sala de aula ou refugiam-se na negação pura e simples.

Antes de condenar a cautela, ou mesmo a resistência, das “arcaicas estruturas educacionais” convém perguntar algumas coisas.

O uso das TIC diminui ou aumenta a carga de trabalho do professor? Qual o papel e a ação do professor neste processo?

Ler e responder mensagens de alunos e pais por correio eletrônico, ler e comentar trabalhos postados em *blogs*, participar de fóruns on-line, preencher documentos e formulários de sistemas de gerenciamento informatizados da escola

são considerados atividades pedagógicas e é previsto tempo para isso dentro da carga-horária do professor?

É possibilitada e em que termos a formação do professor para exercer as atividades anteriormente citadas?

Penso que para que a participação na escolha de caminhos no âmbito da inserção das TIC na educação e no trabalho do professor possa ser assumida ou para que possa haver uma efetiva contraposição em relação à imposição de opções tecnológicas e à implantação de determinados projetos de utilização da tecnologia, é necessário que os educadores se apropriem do conhecimento que lhes permita compreender estas diversas opções e suas implicações. (GUTIERREZ, 2004)

Quando vemos professores maravilhados com as possibilidades da chamada web 2.0, à qual associam blogs, wikis, agregação de conteúdo, objetos de aprendizagem, sites de redes sociais e outras tecnologias que possibilitam a interação, convém perguntar:

De quê tecnologia estamos falando?

Que concepção de tecnologia (TIC) tem o professor?

Alex Primo (2007) explica que a web 2.0 é a segunda geração de serviços on-line, caracterizada pela predominância de formas de publicação e por ampliar os espaços interativos. Não somente um conjunto de técnicas informáticas, mas, também, um novo período tecnológico que se traduz em novas estratégias mercadológicas e de comunicação mediada pelo computador.

Para O'Reilly, que cunhou o termo, a web 2.0 é definida como revolução dos negócios da indústria de computadores, potencializada pelo uso da internet como plataforma. Esta ênfase nos negócios que atrela as demais possibilidades à este contexto tem que ser considerada quando propomos projetos, usamos serviços ou atrelamos práticas educativas ao conceito "web 2.0".

Tim Berners Lee aponta que "web 2.0" é apenas um jargão. Com a sua autoridade de criador da web, ele explica que o que estão chamando "web 1.0", ou

seja, a web, sempre foi um espaço interativo. Na realidade, falar em web 2.0 significa usar os padrões já criados pelos desenvolvedores da chamada web 1.0 (BERNERS-LEE, 2006, on-line).

Então:

O que é mesmo web 2.0, um novo paradigma da internet ou uma revolução nos negócios na internet?

Quando usamos ou aplicamos processos e tecnologias, estamos compreendendo os limites e as possibilidades do que está dado naquele processo ou tecnologia? Procuramos ir além e, como Paulo Freire, perguntar em favor de quê e quem, contra quê ou quem, estamos realizando este trabalho e usando esta ou aquela tecnologia?

Muitos professores vêm neste processo de inserção das TIC a substituição do trabalho do educador, principalmente quando a educação toma o rumo de uma instrumentalização para as exigências de mercado. Outros acolhem este processo como potencializador de sua ação, como valorização mesmo de seu trabalho como educador, quando pensam uma educação que seja formação para a vida e para a cidadania. Outros, ainda, não pensam sobre o assunto e se limitam a seguir sem muitas alterações as práticas que aprenderam na sua formação inicial.

Estas posições contraditórias inserem-se num contexto onde o desenvolvimento tecnológico

ou segue a lógica do capital num progressivo movimento de elitização do acesso, de privatização dos meios, de mercantilização do conhecimento, de crescimento da competição e expansão de uma globalização neoliberal; ou reforça os mecanismos de resistência que encontram formas de expressão dentro da própria tecnologia, nas suas possibilidades de opção por plataformas e aplicativos de código aberto, por formas de trabalho colaborativas e/ou cooperativas, pela pesquisa aberta e pela socialização do conhecimento. (GUTIERREZ, 2004, p. 99)

O fenômeno da inserção das TIC na formação e no trabalho do professor apresenta muitas tendências contraditórias, considerando a totalidade do contexto de inserção social das TIC. Em relação ao conhecimento, as TIC podem representar tanto a possibilidade de emancipação quanto a de exploração, se elas forem o meio

de livre acesso a informação e ao conhecimento ou, na segunda hipótese, forem uma possibilidade de regulação, pela manipulação do acesso à informação e ao conhecimento. (GUTIERREZ, 2004)

Em relação aos espaços de vida as TIC potencializam a valorização da comunidade, do local e, ao mesmo tempo, favorecem o avanço de uma globalização hegemônica calcada no neoliberalismo. Possibilitam o crescimento da autoria e da autonomia, pela construção conjunta e o compartilhamento da informação e do conhecimento. Porém, onde se mantém o fechamento e a opção pela propriedade do conhecimento e da informação, as TIC podem colaborar no incremento de uma posição apenas consumidora, de dependência no conhecimento e na tecnologia.

Os professores que estão acessando este texto podem, agora, pensar a realidade de sua ação, projetos e presença nas redes sociais on-line as quais pertencem e comparar com a realidade de seu trabalho na escola, na rede social presencial que compõem com seus colegas de escola.

Quais os pontos comuns? Quais as diferenças? Como é a intersecção entre estas duas redes? Quê contradições é possível apontar nos processos de inserção das TIC no trabalho dos professores?

A escola, a educação e os professores fazem parte de um contexto onde as redes sócio-técnicas, em especial a internet, é parte do cotidiano. Assim, é preciso que, como educadores, nos ocupemos em conhecer e compreender as implicações que estas redes e os processos que elas possibilitam poderão ter na nossa formação e trabalho e na educação em geral. E que, partindo das palavras de Paulo Freire que iniciam este texto, comecemos já esta reflexão. Este é o meu desafio.

Notas

[1] Professora, mestre em educação, doutoranda em educação pela UFRGS.

[2] (FREIRE, 2002, p.102)

Referências

BERNERS-LEE, Tim. developerWorks Interviews. Armonk, New York: **IBM**, 28 jul 2006. Entrevista concedida à Scott Laningham.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 (a). 165 p.

GUTIERREZ, Suzana. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia**: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de professores que cooperam em comunidades de pesquisadores. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. 233p.

GUTIERREZ, Suzana. **As redes sociais de professores: presença on-line marcada pelo blog pessoal**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Projeto de tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. (não publicado)

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2001. 349p.

O' REILLY, Tim. **Web 2.0 Compact Definition: Trying Again**. Sebastopol, O'Reilly Radar (weblog), 2006. Disponível em <<http://radar.oreilly.com/archives/2006/12/web-20-compact-definition-tryi.html>>. Acesso em 21 mar 2008.

PRIMO, Alex . O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós**. Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007.